

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA: A ÉTICA LUSO-BRASILEIRA

Jorge Teixeira da Cunha

Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia

Rua Diogo de Botelho, 1327, 4169-005 Porto - Portugal

(351) 226 196 200 | comunicacao@porto.ucp.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre os questionamentos luso-brasileiros da área da ética na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: Filosofia, Ética, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the Portuguese-Brazilian questions of ethics in the work of António Braz Teixeira.

Keywords: Philosophy, Ethics, António Braz Teixeira

O tema da ética ganhou uma importância progressiva na obra de António Braz Teixeira. Os seus estudos sobre o tema da ética luso-brasileira evoluem do presente para o passado. De facto, primeiramente ocupou-se dos autores mais recentes, quer dizer os do séc. XIX e XX. O seu estudo pormenorizado sobre os autores anteriores é posterior a estes e, no seu conjunto, está ainda em curso de publicação.

O presente texto expõe, em primeiro lugar, uma panorâmica do trabalho do autor sobre o pensamento ético português, galego e luso-brasileiro. Em segundo lugar, procura compreender o ângulo com que o Autor interpretou o tema da ética no corpus doutrinal sobre o assunto. Em terceiro lugar, pretende ir um pouco mais longe e perceber a moral luso brasileira, uma espécie de estimativa moral do povo português e brasileiro. Finalmente, uma tentativa de conclusão.

Claro que temos de distinguir as diversas épocas em que Braz Teixeira. Vamos mesmo começar por este ponto.

1. A Ética no Pensamento Luso-brasileiro

Se tentarmos uma periodização do estudo de Braz Teixeira, encontramos uma divisão clara: aquela que se ocupa, grosso modo, do séc. XVIII e dos seus prolongamentos no séc. XIX, ou seja do período moderno propriamente dito; e aquela que se ocupa do período contemporâneo que, para Braz Teixeira, começa com Amorim Viana.

1.1. O Pensamento Ético do séc. XVIII

Braz Teixeira estuda a ética do séc. XVIII, dividindo-a em duas correntes: o ecletismo e o utilitarismo. Este último é menos tratado e, por isso, vamos deixá-lo para nova ocasião.

A corrente eclética tem um grande relevo nos estudos do autor. Os representantes principais da primeira corrente são Luís António Verney, António Soares Barbosa e Teodoro de Almeida. Mas Braz Teixeira faz um levantamento exaustivo dos pensadores morais de Portugal e do Brasil do séc. XVIII.

Esta corrente é chamada eclética num sentido moderno, mas de uma modernidade situada no nosso contexto particular.

Quais as características da reflexão moral luso-brasileira do séc. XVIII?

A primeira característica é a sua modernidade. Quem diz modernidade diz ascensão da razão como tarefa de fundar os deveres morais para lá do contexto religioso, visto, com razão ou sem ela, como heterónimo. Esta dimensão, no pensamento português e

brasileiro é mediada por um jus-naturalismo que tem como chefe de fila Luís António Verney. Esta tendência vinha de antes do século das Luzes e é visível antes disso na Escola de Coimbra. Há mesmo quem note que a tentativa de fundar a ética “como se Deus não existisse”, para usar a conhecida fórmula de Hugo Grócio, pode ser encontrada na Escola de Salamanca e de Coimbra muito antes de ser consagrada por esse autor. Mesmo que no nosso contexto não tenhamos experimentado a fragmentação confessional ocasionada pelo protestantismo, cisaõ essa que motivou a preocupação de fundar a ética para lá da religião, foram os povos ibéricos quem primeiro teve de justificar a convivência multicultural e inter-religiosa decorrente das viagens inter-continentais. Os discursos de Francisco de Vitória sobre a dignidade dos Índios da América são um primeiro exemplo dessa preocupação. Por isso, não é desmedida a pretensão de ser o pensamento ibérico quem primeiro sentiu a necessidade de fundar a convivência humana para lá do suporte do cristianismo como fé comum e evidência ética comum. Por isso, o jus-naturalismo do séc. XVIII tem antecedentes que não devem ser esquecidos. Isto para não falar do exemplo de Espinosa que também podia ser elencado sem injustiça nesta corrente de raiz peninsular. Mas a modernidade da ética luso brasileira é visível noutros aspectos.

É sabido como a ética que decorre do sistema de dubitação universal de Descartes caracteriza-se pela sua sensação de provisoriedade, sendo que, na falta de uma verdade clara e distinta, ocorre viver segundo os ditames do bom-senso presente nas diversas formas de o género humano se auto-determinar. Ora quem experimentou de modo evidente esta provisoriedade decorrente da descoberta de novos sistemas de valores e novas mundividências foram os viajantes portugueses. Com a sua capacidade de miscigenação cultural, vivemos como nenhum outro povo a perplexidade de escolher entre mundividência e de escolher o que parecesse mais apto de justificar o viver sensato em comum.

Por isso, a modernidade da ética luso brasileira tem este aspecto de crença na razão universal do jus-naturalismo e de descrença nessa possibilidade de uma razão hegemónica. Isso não é contraditório. É uma diferente forma de razão, simultaneamente segura de si, mas aberta ao diferente e aproveitando o que há de válido no diferente. Talvez seja por isto que superamos o aristotelismo escolástico, enquanto escolástico significa um pensamento dedutivo e abstracto e nos abrimos ao novo dos mundos descobertos. Talvez, seja por isso também que o pensamento ético luso-brasileiro se manteve fiel a uma ética de virtudes e nunca se deixou encandear

pelo formalismo do pensamento centro-europeu que conheceu pior do que nós a variedade do mundo e a necessidade de fundar a autodeterminação do sujeito nos recursos interiores da sua síntese pessoal e não no abstractismo de uma regra sem conteúdo concreto e vivido.

Interessante e moderno é igualmente o facto de que diversos autores hajam exposto as suas ideias éticas mediante textos narrativos. É o caso de Nuno Marques Pereira, com o seu *Compêndio narrativo do peregrino da América*, Teodoro de Almeida, com a sua *Recreação filosófica*. Braz Teixeira dá relevo a estes dois autores. A nosso ver, é um modo típico de pensar e de ensinar moral, em tempos de falta de incerteza, em que o exemplo vale mais do que a regra seca de vida.

De notar é igualmente o pessimismo revelado nesta reflexão ética, tanto de Portugal como do Brasil. Também este é um aspecto de modernidade. É sabido como o pensamento ético europeu bebeu o seu pessimismo na teologia luterana da graça e se tornou, de certo modo, intolerante e rigorista. O nosso pessimismo é também real, mas, a nosso ver, não provém da mesma fonte. O pessimismo ibérico e português vem da errância das nossas peregrinações e da experiência real da relatividade de todas as ambições dessa errância.

Finalmente, como se pode verificar pela extensa análise de Braz Teixeira, o pensamento ético e moral luso-brasileiro manteve uma fidelidade à tradição teológica. Isso quer dizer que, a par da reflexão ética, sempre se prolongou numa moral da vida pessoal, da vida familiar, da vida política. Se o formalismo europeu achava que a regra universal da vontade guiava o viver concreto, sem necessidade de se prolongar numa moral do dia-a-dia, o nosso, nessa antiga linha teológica, manteve o impulso para se prolongar em normas morais concretas. Isso não deixa de ser de grande utilidade e de fazer parte da reflexão sobre a acção humana. Mas vamos continuar a seguir as cuidadas análises de António Braz Teixeira.

1.2. O Pensamento Contemporâneo (séc. XIX e XX)

Braz Teixeira nota que o pensamento português dos séculos XIX e XX manifesta diversas particularidades. Primeiro, ao contrário dos restantes países europeus, o pensamento do séc. XIX tem o seu centro nas questões da teodiceia: a ideia de Deus, o problema do mal, razão e crença, filosofia e religião. Estes temas continuam vivos no séc. XX, embora aqui se possa notar uma progressiva emergência do tema antropológico. Porém, a questão do homem não pode deixar de ser aproximada da

questão de Deus, do destino do cosmos e da perspectiva escatológica da história humana. As questões antropológicas da origem e do destino do homem, da morte e da imortalidade, no pensamento português, ligam-se ao amor e à saudade e não apenas a um pensamento especulativo. Uma tal particularidade do pensamento português dá à ética um lugar central e uma particular coloração, especialmente, o seu lado anti-formalista.

Para compreender a ética contemporânea não se pode deixar de olhar para Amorim Viana, como ponto de partida de diversas linhas que se prolongaram nos pensadores posteriores. Braz Teixeira nota que a reflexão do autor da *Defesa do racionalismo ou análise da fé* é “marcada por uma constante e séria aspiração ética, que constitui o fundo singularizador do seu pensamento, como será também da geração seguinte, o caso de Cunha Seixas e de Antero”¹.

“Juntamente com Vicente Ferrer Neto Paiva (1836-1913), Joaquim Maria Rodrigues de Brito (1822-1873) e Joaquim Maria da Silva (1836-1913), o pensamento ético de Amorim Viana representa a definitiva superação do utilitarismo ético de que, aliás, entre nós, se haviam feito eco Joaquim José Rodrigues de Brito (1753-1831) e Silvestre Pinheiro Ferreira, vindo a constituir a mais acabada que, na década de 60 do nosso séc. XIX, assumiu a reflexão moral baseada no espiritualismo racionalista, que, estabeleceu uma clara separação entre razão e fé, ética filosófica e moral religiosa, no entanto não deixou de continuar a ver na ideia de Deus, no criacionismo divino e num pensamento de superior harmonia ontológica o único fundamento do dever moral e a garantia transcendente da realização do fim ético do homem, identificado com o bem, atitude especulativa que se prolongará, depois, no espiritualismo ético de Cunha Seixas e Antero e na moral cósmica de Bruno (1857-1915), para vir a encontrar a sua mais acabada formulação na ética criacionista de Leonardo Coimbra (1883-1936)” (*Ibid.*, 1068).

À ética criacionista de Leonardo, dedicou Braz Teixeira pelo menos um estudo, lamentando que ainda não tenha o seu pensamento encontrado um mais amplo tratamento. O que diz de Leonardo é verdade de outros autores e da ética luso-brasileira no seu conjunto. No entanto, podemos fazer algumas observações sobre a reflexão ética deste período contemporâneo, na linha das análises de Braz Teixeira.

¹ A ética na obra de Amorim Viana, in *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, FLUP, 2004, vol. III, 1065.

A primeira refere-se à persistência da ligação entre ética, metafísica e teologia, no pensamento ético português e brasileiro. Esta característica tem, a nosso ver, uma grande importância. De facto, um pensamento sobre a liberdade não pode ser completo se não mantiver esta amplitude de abertura do espírito às diversas dimensões da realidade. A referência constante à metafísica é a teologia são uma forma de defender a ética das mistificações a que sempre se encontra tentada. No pensamento português, a religião à metafísica e uma defesa da liberdade contra todas as formas de totalitarismo. Isso é visível em Bruno, apesar das suas divagações gnósticas, mas é sobretudo visível em Leonardo Coimbra. Por alguma razão, ele foi o primeiro intelectual europeu a fazer uma crítica do comunismo, como forma inaceitável de totalitarismo e de igualitarismo dos seres humanos, pelo esmagamento da sua originalidade e espontaneidade.

Por outro lado, ao manter-se ligada à poesia e às manifestações elementares da cultura popular, a reflexão ética portuguesa pode, mais do que outras, ficar imune a diversas formas de niilismo e de voluntarismo que são típicas de diversas correntes de pensamento dos nossos dias. Nestas formas, é justo elencar igualmente, formas de religiosidade sectária ou clerical que são outras tantas formas de parasitismo do espírito humano.

É por isso, que a ética do pensamento português tem virtualidade para reforçar a subjectividade humana, defendendo os indivíduos de formas evidentes de idolatria tribal que são típicas da civilização das comunicações que vivemos hoje. O mesmo se diga dos ídolos da vida da comunidade política, como são a queda no chamado populismo que mais não são do que formas de esvaziamento da subjectividade, de manipulação generalizada e de recuo da cidadania.

2. Características da Ética Luso-brasileira

A partir da preciosa análise dos autores luso-brasileiros, alguns dos quais estavam completamente esquecidos, realizada por António Braz Teixeira, que balanço podemos fazer?

Em primeiro lugar, devemos dizer que um pensamento ético existe na cultura portuguesa, o qual não fica a dever nada ao pensamento oficial cento-europeu. Pela nossa própria via, fica aí exposto um caminho que é um válido contributo para pensar o mundo, para justificar a vida sensata dos seres humanos e a justiça das instituições humanas.

Não diremos que há uma “razão portuguesa”, pois a razão é comum, mas diremos que há uma razão situada neste espaço, simultaneamente voltada para a Europa continental e para o imenso espaço atlântico que nos liga ao Brasil. Neste espaço se desenvolveu uma modernidade à nossa medida que pode ser vista como um contributo para pensar o mundo desde a nossa particular experiência de viagem e de errância. É nossa tarefa apresentá-lo, sem desmedido orgulho, mas sem sentimento de inferioridade por não termos vocação filosófica, ideia manifestamente infundada.

Se alguma particularidade tem a nossa razão é a sua abertura à teologia, como forma de escuta do divino e do transcendente. No pensamento europeu, o religioso e o teológico foi, algumas vezes, visto como inimigo da ética e como nocivo à autodeterminação humana. No espaço cultural luso-brasileiro, soubemos distinguir e criticar o clericalismo e mistificação que andam ligadas à manipulação da fé religiosa cristã, mas soubemos também manter o espírito vigilante à escuta do Deus verdadeiro, como fonte e como garantia da liberdade. Essa é uma particularidade que nos deve orgulhar.

3. O Percurso de Braz Teixeira

Podemos, por fim, dizer uma palavra sobre o percurso pessoal do pensador que foi e é António Braz Teixeira? Mesmo assumindo o risco da irrelevância, é justo que o façamos.

O seu percurso tem sido prevalentemente analítico, sem, no entanto, deixar de ser especulativo. Mas isso é um mérito e não um limite. Ao chamar a atenção para a obra de tantos pensadores do passado e do presente, ele realizou um trabalho inestimável de trazer para o centro valores que de outro modo ficariam esquecidos.

Tendo começado pelo pensamento jurídico e mantido o impulso para estudar o direito, Braz Teixeira foi, progressivamente, complexificando o seu pensamento. O seu pendor para a especulação filosófica e teológica foi-se aprofundando com o tempo. A nosso ver, o seu ponto de chegada é a regulação ética da vida humana, que é o fastígio da habitação do ser humano sobre a terra. Que mais quer o ser humano que não seja o viver bem e a felicidade, objecto último da reflexão ética? Esse é o ponto mais alto da liberdade. Se podemos fazer uma analogia, cremos que Paul Ricoeur (1913-1995) fez, de maneira exemplar este percurso. Tendo começado pela hermenêutica, passou à ontologia e à ética. Braz Teixeira, a seu modo, vai do direito, ao pensamento filosófico e teológico e, por fim, à ética. Devemos-lhe essa tenaz confiança na cultura portuguesa

como forma de habitação responsável do mundo. Os portugueses descreem dela. Portugal é um país que os poetas nomeiam e que não responde ao seu nome. É também uma pátria que descrê da sua identidade. Devemos a Braz Teixeira a insistência para assim não seja.

Bibliografia

- A. BRAZ TEIXEIRA, *A ética luso-brasileira dos séculos XVIII e XIX*, (Em curso de publicação)
- A. BRAZ TEIXEIRA, *Ética, filosofia e religião. Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Évora, Pendor, 1997.
- A. BRAZ TEIXEIRA, *Deus, o mal e a saudade. Estudos sobre o pensamento português e luso-brasileiro contemporâneo*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993.
- A. BRAZ TEIXEIRA, *Caminhos e figuras da filosofia do direito luso-brasileira*, 2ª ed., Lisboa, Novo Imbondeiro, 2000, pp. 41-51.
- A. BRAZ TEIXEIRA E OUTROS, *História da filosofia do direito portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2005.
- A. BRAZ TEIXEIRA, “A proposta moral de Feliciano de Sousa Nunes”, in *Estudos Filosóficos*, Departamento de Filosofia e Métodos da Universidade Federal do São João del-Rei, nº 7, Julho-Dezembro de 2011, pp. 83-94.
- A. BRAZ TEIXEIRA, *O pensamento ético de Luís António Verney*, in *Luís António Verney e cultura luso-brasileira do seu tempo*, Lisboa, MIL e DG Edições, 2016, 25-34.
- A. BRAZ TEIXEIRA, *A reflexão moral de Feliciano de Sousa Nunes*, in *Luís António Verney e cultura luso-brasileira do seu tempo*, Lisboa, MIL e DG Edições, 2016, 320-326.
- A. BRAZ TEIXEIRA, *Conceito e formas de democracia em Portugal e outros estudos de história das ideias*, Lisboa, Sílabo, 2008.
- A. BRAZ TEIXEIRA, *A ética na obra de Amorim Viana*, in *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, FLUP, 2004, vol. III.